

105-2
1902
cl. 7
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

SOBRE

Deontologia Medica

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA Á

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

POR

Francisco Adriano da Silva Tavares



107/7 ENC

PORTO

Typographia A. F. Vascoconcellos, Suc.

Rua de Sá Noronha, 51

1902

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

DR. ANTONIO JOAQUIM DE MORAES CALDAS

LENTE SECRETARIO

Clemente Joaquim dos Santos Pinto

Corpo Cathedratico

Lentes Cathedratcos

- | | |
|---|-----------------------------------|
| 1. ^a Cadeira — Anatomia descriptiva geral | Carlos Alberto de Lima. |
| 2. ^a Cadeira — Physiologia | Antonio Placido da Costa. |
| 3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos e materia medica | Illydio Ayres Pereira do Valle. |
| 4. ^a Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa | Antonio Joaquim de Moraes Caldas. |
| 5. ^a Cadeira — Medicina operatoria. | Clemente J. dos Santos Pinto. |
| 6. ^a Cadeira — Partos, doencas das mulheres de parto e dos recém-nascidos. | Candido Augusto Corrêa de Pinho. |
| 7. ^a Cadeira — Pathologia interna e therapeutica interna | Antonio d'Oliveira Monteiro. |
| 8. ^a Cadeira — Clinica medica | Antonio d'Azevedo Maia. |
| 9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica | Roberto B. do Rosario Frias. |
| 10. ^a Cadeira — Anatomia pathologica. | Augusto H. d'Almeida Brandão. |
| 11. ^a Cadeira — Medicina legal | Maximiano A. d'Oliveira Lemos. |
| 12. ^a Cadeira — Pathologia geral, semiologia e historia medica. | Alberto Pereira Pinto d'Aguiar. |
| 13. ^a Cadeira — Hygiene | João Lopes da S. Martins Junior. |
| Pharmacia | Nuno Freire Dias Salgueiro. |

Lentes jubilados

- | | |
|----------------------------|-----------------------------------|
| Secção medica | { José d'Andrade Gramaxo. |
| | { Dr. José Carlos Lopes. |
| Secção cirurgica | { Pedro Augusto Dias. |
| | { Dr. Agostinho Antonio do Souto. |

Lentes substitutos

- | | |
|----------------------------|-------------------------------------|
| Secção medica | { José Dias d'Almeida Junior. |
| | { José Alfredo Mendes de Magalhães. |
| Secção cirurgica | { Luiz de Freitas Viegas. |
| | { Vaga. |


Lente demonstrador

- | | |
|----------------------------|---------|
| Secção cirurgica | { Vaga. |
|----------------------------|---------|

DE ANTONIO JOAQUIM DE MORAES DA SILVA
LICEU MEDICO
Cirurgia Mediana dos Juntos e da
Escuela Medico-Cirurgica do Porto

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.


(Regulamento da Escola, de 23 d'abril de 1840, artigo 155.º)



A' MEMORIA

DE

MEU PAE



A minha santa mãe

Quizera n'este momento agradecer-vos tudo quanto por mim tendes feito até hoje; como porém não encontro no vocabulario humano palavras com que possa exprimir tudo o que me vae n'alma, limito-me a deixar-vos n'esta pagina este pequeno mas immortaldouro testemunho da minha eterna gratidão de filho.

A minha Mulher

A minha filha

Pedaços da minh'alma :
agora, como em todos os
momentos da vida, não sa-
his da minha imaginação.

A meus irmãos

Agostinho

Alberto

Serafim.

A cada um de vós um abraço
sincero do vosso irmão

Francisco.

A MINHA SOGRA

A minhas cunhadas

D. Margarida J. Gomes de Freitas Tavares

D. Emilia Augusta da Cruz Pereira

D. Helena Rosa da Cruz Pereira

A MEU CUNHADO

José Alves Pereira

A minhas Tias'

A meu Tio

A minhas Primas'

A meus Primos'

A meus Primos e bons amigos

P.^e Agostinho José Paes Moreira
Victorino Tavares Paes Moreira

A MINHA PRIMA

D. Maria Antonia Belleza Ferraz Paes Moreira

E A SUA EX.^{ma} FAMILIA

A MINHA PRIMA

D. Maria Paes Moreira

A MEUS PRIMOS E INTIMOS AMIGOS

Joaquim José da Silva Tavares
Hermenegildo José da Silva Tavares

AO MEU INTIMO E VELHO AMIGO

Alvaro Teixeira Bastos

Ao despedir-me de ti, depois de tantos
annos de convivencia, levo a impressão de
ter conhecido um amigo verdadeiro.

Ao meu velho condiscipulo e sincero amigo

José Simões Ferreira Figueirinhas Junior

Ao meu condiscipulo e bom amigo

Alberto Augusto Cezar Pinto Machado

Ao meu contemporaneo e bom amigo

Antonio de Mendonça

Ao meu amigo e companheiro d'infancia

Justino Borges d'Abreu e Castro

A todos um abraço de
amigo sincero.

AO EX.^{mo} SNR.

Dr. José Antonio Moreira dos Santos

E A SUA EX.^{ma} FAMILIA

AO EX.^{mo} SNR.

Capitão Domingos Belleza

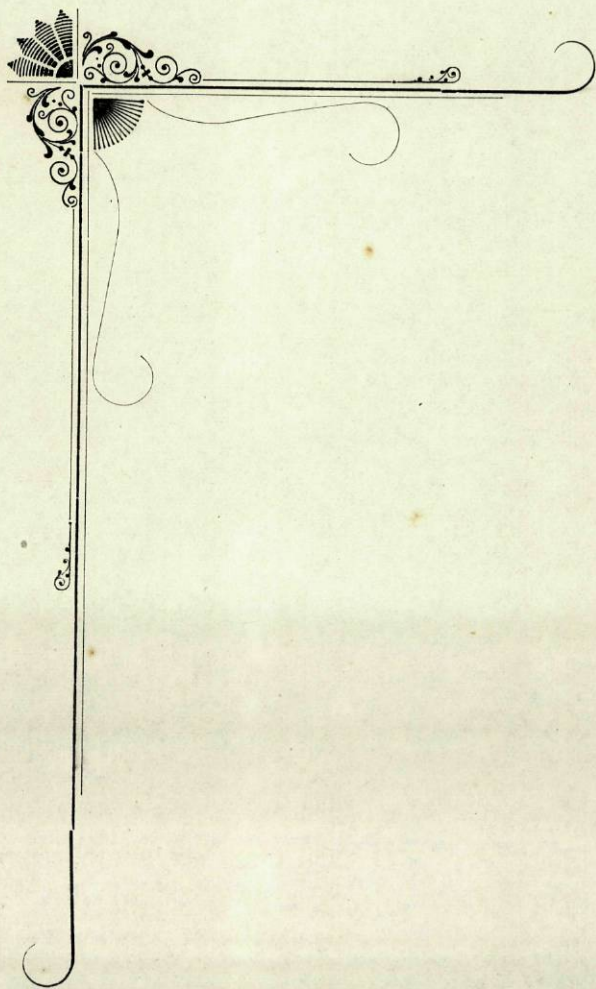
Aos meus amigos

Ao meu illustre Presidente de these

O Ex.^{mo} SNR.

Dr. João Lopes da Silva Martins Junior

Preito d'homenagem ao
seu profundo talento e vasto
saber.



Obrigado por lei a apresentar no fim do meu curso um trabalho escripto, optei, depois de largas hesitações, pelo assumpto que me serve de thema.

Varios outros deslisaram successivamente perante a minha imaginação, mas dando consecutivamente balanço aos meus conhecimentos e aos exiguos recursos intellectuaes de que dispunha, eu desistia, por vêr que era absolutamente incapaz de os tratar, ainda que d'uma maneira summaria.

De resto, necessitando por motivos imperiosos defender these na primeira época, a escassez do tempo era mais uma difficuldade a juntar a todas as outras.

Lendo n'esta conjunctura, n'uma revista estrangeira, alguns artigos sobre *deontologia medica*, tão sympathico se me tornou o assum-

pto, que desde logo resolvi aproveitá-lo para a minha dissertação.

Claro está que, como a principio, me encontrei embaraçadissimo; mas convencido estava já tambem que para mim não haveria assumpto em que não encontrasse escolhos.

Não julguem os que lerem o titulo da minha these, que vão aqui encontrar versados os vastos problemas de deontologia medica; nem isso caberia no programma d'uma dissertação; apenas me limito a fazer algumas considerações mais ou menos opportunas sobre o assumpto, deixando a espiritos mais cultos, e sobretudo mais praticos, o desenvolvimento d'elle, e esperando que sejam relevadas as faltas, aliás innumeras, n'um trabalho de quem, forçado, escreve pela primeira vez.

Esboço historico

Apezar de não ser facil remontar á época em que se originou o sentimento dos deveres do medico, em virtude dos exiguos conhecimentos que possuímos d'esses tempos remotos, é crível que ella coincidisse com a da origem da medicina.

Na India antiga, na Chaldeia e no Egypto, onde os elementos hieratico e magico são tidos na mais alta consideração, os deveres do medico são estritamente ligados aos do padre e aos do magico; no entanto, com o tempo, alguns são postos em relevo com bastante nitidez.

Na India, aos individuos que exercem a medicina, bem como aos que se dedicam á carreira medica, são formalmente exigidas qualidades especiaes; são impostas regras de prática; e os mais strictos

observadores dos preceitos escriptos por Suçruta no Ayur-Veda (sciencia da vida) são os medicos leigos, sahidos da classe dos guerreiros, dos agricultores e mesmo dos escravos, que no periodo brahmanico foram admittidos a fazer parte da corporação.

E o que é realmente curioso e que bastante nos impressiona, é a analogia que existe entre os preceitos de Suçruta e os de Hippocrates, mesmo em materia de qualidades physicas. Assim, segundo Suçruta, o medico deve ser de boa familia, bello, forte, discreto, amavel, serio sem pretensões, cortez, honrado, reservado, paciente, opportunamente alegre, e familiarisado com as sciencias sagradas. Deve vestir de branco, trazer o cabello curto, unhas cortadas, fallar brandamente, sem gestos excessivos, e com uma physionomia serena. Não deve preoccupar-se com o amor, com o odio ou com o orgulho; deve resistir e até fugir da ganancia e da ambição; ser escravo da verdade; attender os seus mestres e todos os que a elle se dirigirem d'uma maneira polida e conveniente, os estranhos, os pobres e os desamparados.

A sua solicitude junto dos doentes deve ser levada ao ultimo ponto.

Unicamente, para interesse da sua reputação e para salvaguardar a dignidade da arte, deve recusar os seus cuidados aos doentes que reconhecer incuraveis.

Encontrar-se-ha este preceito em Hippocrates,

bem como o respeito do discipulo pelo mestre, que era um dos traços mais característicos da pratica indú.

O primeiro dever é sempre ter a maxima consideração pelos brahmanes; o segundo, a maior commiseração pelos infelizes.

«Tu evitarás, diz o mestre, toda a má companhia; não darás nunca remedio a um homem condemnado por crime contra o rei, nunca irás tratar uma mulher, cujo marido esteja ausente, sem prévio consentimento d'este; não receberás d'ella mais que a alimentação que te fôr necessaria. O medico nunca irá tratar um doente, sem ser préviamente chamado, etc.»

E para termos uma ideia da maneira como no Ayur-Veda se entendia o dever scientifico, vejamos o que nos diz M. Liétard no seu artigo do dictionario encyclopedico, referente a este assumpto. «Aquelle que tiver aprendido unicamente os principios da medicina, sem ter recebido a instrucção pratica, perderá todo o sangue frio em frente d'um doente, como o poltrão no campo de batalha perde toda a presença d'espírito ao ouvir zoar a primeira bala. Por outro lado, aquelle que, por precipitação, se arroja á pratica, sem ter préviamente estudado os principios da arte, é indigno do apoio dos individuos instruidos, e deve ser punido pelo rei. Ambos são tão insufficientes e tão incapazes de se tornar bons medicos, como uma ave de voar com uma só aza.»

O caracter hieratico da medicina egypcia, de que os *Sérapeuns* são o traço mais visivel, affirma-se mais uma vez na existencia d'um codigo medico obrigatorio. Parece realmente que o codigo de que falla Diodoro, escrevendo no primeiro seculo antes de Christo, não era um documento emanado dos sacerdotes, mas sim fornecido por antigos medicos illustres. Mas a existencia d'um codigo official no antigo Egypto, não deixa por isso de ser um traço dos costumes medicos mais notaveis, e este codigo official era um codigo sagrado, n'um paiz em que a sciencia estava nas mãos dos sacerdotes, em que uma hierarchia fóra dos limites era tão sacerdotal como politica, e em que o soberano do povo era tambem o sacerdote soberano.

Causará talvez admiração encontrar uma tal disciplina n'um paiz que, já no tempo d'Hérodoto estava coberto d'especialidades de todos os generos, no meio das quaes seria difficil dizer o que podia ser a deontologia medica.

O desmembramento da pratica não é, de resto, por si mesmo, um signal d'emancipação; muito antes pelo contrario; a medicina não sendo composta a principio senão de noções particulares, é natural que a pratica tivesse começado pela subdivisão. Ella repousava então sobre a virtude das plantas, e cada planta tinha a sua applicação n'um genero determinado de doenças.

Ahi, sobretudo onde a doença estava sob o imperio d'um genio maligno, d'um *demonio mau*, o

remedio devia, como a formula conjuratoria, ser especial.

E as coisas deviam ter-se passado quasi da mesma fórma na Chaldeia e na Persia, onde se sabe, por Hérodoto, Ctésias e Diodoro, que os medicos egypcios eram muito bem considerados na côrte da Persia, no tempo de Dario e de Cambyses. E' de presumir que o movimento medico nas suas diversas expressões, noções, superstições, preconceitos, habitos e costumes, tem seguido na sua marcha quasi a mesma direcção que as artes, das quaes os dois grandes movimentos partidos da Chaldeia e do Egypto, se têm estendido e encontrado na Phénicia, para ganhar conjuntamente as ilhas mediterraneas, e espalhar-se para o lado da Persia, vindo adiante do movimento proprio, mas muito pouco expansivo da India.

A medicina grega do tempo d'Homero, e d'Homero a Hippocrates, não foi como o estabeleceu Daremberg, absorvida pela theurgia; o dever medico privado, que se poderia chamar livre, o que não procede d'um ritual, devia ahi ter sido objecto d'estudos; e uma prova d'isto é, segundo Dechambre, o facto da obscuridade se dissipar subitamente com Hippocrates. Com effeito a obra que tem o nome do que se chama o pae da medicina, não é só d'um homem, nem tão pouco d'um momento. Se bem que elle tenha n'ella um largo papel, é facto averiguado que essa obra é collectiva, e que representa um estado da sciencia preparado por

progressos anteriores. E o que se diz da parte scientifica, repete-se relativamente á parte profissional, como vamos vêr examinando alguns trechos dos cinco livros hippocraticos intitutados: *Do medico, Da decencia, Preceitos, Juramento, A lei*, que contêem um verdadeiro código de deontologia medica, em que os deveres não são expostos detalhadamente, mas sim a breves traços, e como que em aphorismos.

Assim o livro — *Do medico* — abre da seguinte maneira:

«E' uma recommendação para o medico ter uma physionomia agradavel e boa saude, porque d'um medico doente, ou melhor aleijado, pensa-se, d'ordinario, que não saberá tratar bem os outros. E' preciso em seguida que elle seja cuidadoso consigo, limpo, que ande bem vestido e que use perfumes agradaveis, cujo cheiro nada tenha de suspeito; pois tudo isto dispõe bem o doente em seu favor. O medico sabedor deve tambem, quanto á moral, observar o seguinte: primeiro, saber guardar silencio; depois, regular a sua vida; pois que isso é muitissimo importante para a sua reputação.

Elle deve ter um character honestissimo, sendo ao mesmo tempo grave e affectuoso, porque o excesso de zelo em prestar serviços póde influir desfavoravelmente no respeito que lhe é devido.

Quanto á sua conducta, deverá ser a d'um homem reflexivo e sem orgulho, porque d'outra fórma elle parecerá arrogante e austero. Por outro lado,

se elle se entrega ao riso e ao prazer, torna-se massador, e é sobretudo d'isso que elle deve fugir. Deve ser honesto em todas as suas relações, porque a honestidade é-lhe muitas vezes d'um grande auxilio; os doentes téem muitas conversas sérias com o medico, entregando-se a elle sem reservas; a todas as horas elle está a tratar mulheres e donzellas; precisa pois de se conservar sempre senhor de si. Eis o que deve ser o medico no physico e no moral».

No livro — *Da decencia* — encontram-se conselhos analogos: nenhuma affectação no modo de vestir, um porte grave, urbanidade, fallas sóbrias; nenhuma ostentação.

Certas recommendações dizem respeito mais especialmente á prática, como a de vêr frequentemente o doente e fiscalisar as infracções que elle possa commetter, e cujos effeitos possam ser lançados á conta do medico.

No livro — *Preceitos* — alguns trechos são ainda referentes ás roupas e aos abusos de palavras, mas é sobretudo recommendado ao medico não começar por se occupar dos honorarios; fazer um preço proporcional ás posses do doente, e provocar conferencias nos casos graves e embaraçosos.

A proposito d'honorarios, deve-se illibar Hippocrates da injuria que lhe foi feita de não dizer uma palavra a respeito da medicina gratuita a favor dos indigentes. «O juramento não impõe *em nenhum caso* ao medico, se elle não trata dos seus mestres ou parentes, o exercer gratuitamente a sua profis-

são; em uma palavra, não se faz menção dos pobres no juramento medico d'Hippocrates», diz M. Briau, e junta: «Nada prova melhor que este facto o quanto os homens, mesmo os mais eruditos..., estavam ainda afastados dos sentimentos da mais elementar philantropia». Ora por um lado Hippocrates não devia ser responsavel por uma lacuna n'um documento que elle nem talvez redigiu, e que devia ter sido, no todo ou em parte, herança da familia dos Asclepiades; e por outro lado no seu livro *Preceitos*, Hippocrates voltando segunda vez ao rigor do medico, exprime-se assim: «Por vezes vós prestaes serviços gratuitos como tributo d'um favor recebido, ou em virtude do bom nome do doente; se houver occasião de soccorrer um homem estrangeiro e pobre, é sobretudo n'este caso que assim deveis proceder.

Evidentemente não ha aqui uma plena concepção d'assistencia medica gratuita; mas vê-se bem que não era exacto apresentar o pae da medicina como não a tendo prescripto em nenhum caso.

O livro — *A lei* — insiste particularmente sobre a vantagam da primeira instrucção. A instrucção começada desde a infancia, «é a sementeira feita na estação conveniente». Hippocrates insurge-se ao mesmo tempo contra «a timidez que denuncia a impotencia, e a temeridade que denuncia a inexperiencia».

Temos emfim — *o juramento* — cujo texto traz o estyigma d'uma tradição mais ou menos longa, e

do qual alguns trechos parecem provar á evidencia que elle sahio dos templos, para se transmittir com o proprio ensino scientifico aos asclepiades leigos, dos quaes, segundo os trabalhos de Daremberg, Hippocrates parece ter feito parte.

Eis, segundo a versão franceza de M. E. Egger, *o juramento*: «Juro por Apollo medico, por Asclepios, Hygio e Panaceo, e tomo por testemunhas todos os deuses e deusas, cumprir segundo a minha auctoridade e a minha razão, o juramento, cujo texto é o seguinte: respeitar tanto o individuo que me ensinou esta arte como meus proprios paes, fazer com elle vida commum, e se elle tiver necessidade repartir com elle os meus bens; considerar os seus filhos como meus irmãos, ensinar-lhes esta arte se elles tiverem necessidade de a aprender, sem salario nem promessa escripta; fazer participar dos preceitos, das lições e de todo o resto do ensino, meus filhos, os do mestre que me ensinou, e os discipulos inscriptos segundo os regulamentos da profissão, e absolutamente mais ninguem. Applicarei os regimens para bem dos doentes, segundo a minha auctoridade e o meu criterio, nunca para fazer mal ou causar prejuizo a ninguem. Não darei a ninguem, a seu pedido, um remedio mortal, nem conselhos que causem prejuizo. Nunca darei a uma mulher substancias abortivas. Conservarei immaculadas a minha sciencia e a minha arte. Nunca praticarei a talha mesmo n'um calculoso. A qualquer casa que eu vá, entrarei só para bem dos

doentes, evitando produzir qualquer lesão voluntaria, e conservando-me longe de toda a seducção, e sobretudo longe dos prazeres do amor com mulheres, ou com homens, quer livres, quer escravos; o que no exercicio da minha profissão, ou fóra d'elle, eu vir ou ouvir, que não seja preciso communicar, conservarei no mais absoluto segredo. Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que eu gose uma vida feliz e boa reputação na minha arte, entre os homens, e para sempre; se eu o quebrar ou infringir, que me aconteça o contrario».

Seja dito, de passagem, que a parte relativa á operação da talha tem sido objecto de numerosas controversias, e que alguns a consideram como alterada. Além d'isso, Daremberg crê que o preceito a ser verdadeiro, poderia não ser mais que a applicação do que interdizia o tratamento dos incuráveis, e tinha por fim não comprometter a arte n'uma operação perigosa. A proposito ainda de juramentos, Dechambre cita um outro d'origem grega, e data incerta, que não deixa de ser alguma coisa curioso, e que por isso transcrevemos:

«Ao grande Deus eu juro, com palavras sinceras, não destruir por doença nenhum homem, estrangeiro ou do meu paiz, com o auxilio de praticas homicidas; que ninguem me arrastará, por offer-tas, a commetter um crime horrivel, dando a alguem remedios funestos, capazes de lhe provocarem a morte; que, mesmo por amizade, eu me não encarregarei de os administrar a outrem. Mas eu

levanto piedosamente as mãos para o céu, e nunca deixarei de ter senão pensamentos isentos da macula do crime. Esforçar-me-hei por salvar o doente, e para todos procurarei a saúde que prolonga a vida.»

A differença entre estes dois juramentos é flagrante: o segundo limita-se a induzir á abstenção d'actos criminosos; ao passo que o primeiro, combatendo o mal, ordena o bem.

Alguns traços do programma d'Hippocrates, que aliás elle augmenta ainda em varias partes da collecção, não são mais que a reproducção de varios auctores da antiguidade: sobretudo os que dizem respeito á observação dos doentes, á experiencia, bôa conducta, honestidade dos processos, etc. Assim, Aristoteles, quando doente, certificava-se primeiro dos conhecimentos do medico, exigindo-lhe uma circumstanciada exposição do caso, e uma justificação dos meios que elle ia empregar para o tratamento.

A superioridade da experiencia sobre a erudição no medico, tem sido muitas vezes affirmada; assim, Luciano, principalmente, compara o medico experiente ao musico que sabe cantar, e o medico erudito ao musico que não conhece senão o rythmo e a harmonia. «Assim como é bom que o cantor conheça a musica, assim é conveniente e até indispensavel que o medico não fique estranho ás doutrinas correntes».

Hippocrates proclamou a alliança intima da phi-

losophia e da medicina; Galeno interpretou este pensamento a seu modo, estabelecendo a excellencia do methodo racional e da sciencia logica; e permaneceu fiel a esta ideia, como se vê na *exhortação ao estudo das artes*, onde elle colloca a medicina em primeiro logar.

Isto pelo que respeita a qualidades intellectuaes; quanto ás moraes, as numerosas queixas que se encontram contra o charlatanismo, mostram á evidencia o quanto ellas se apreciavam, e a falta que faziam. Assim, no segundo seculo antes de Christo, Polybio, declamando contra os medicos alexandrinios, apresenta-os percorrendo o paiz com pompa, amontoando-se a multidão em volta d'elles, ostentando o titulo de *racionalistas*, e captando a confiança publica á força de palavreado. Cerca de quatro seculos mais tarde, quando Dion Chrysostomo quer envergonhar os habitantes de Tarso, pelo seu excessivo gosto pela verbosidade, não encontra melhor comparação que os pruridos da palavra, «as exhibições d'esses pretendidos medicos, que postados na praça publica, ahi expõem grandes sortimentos de membros e ossos amontoados e articulados, bem como outros objectos do mesmo genero... etc.

Ainda a proposito de charlatanismo, se se folheam alguns auctores, ahi se encontra, mais que uma vez, menção se não d'exercicio illegal (a epoca não permittiria o termo) pelo menos d'exercicio intruso. Assim vê-se claramente nos textos d'Hip-

pocrates, que bastantes individuos praticavam a medicina, sem terem sido submettidos aos regulamentos da profissão. A este proposito cita Dechambre a titulo de curiosidade a XIV fabula de Phedro, que tem por titulo — *o sapateiro medico*. Este individuo cujo officio não prosperava, vendia um antidoto. Um bello dia, foi chamado pelo rei, que fingindo misturar veneno ao antidoto, lhe ordenou que o bebesse todo; elle recusou fazel-o; e o rei voltando-se para o povo que se encontrava reunido junto do palacio, pronunciou estas judiciosas palavras:

...Capita vostra non dubitatis credere
Cui calceandos nemo commisit pedes.

Isto mostra-nos claramente que o charlatanismo não é de data recente, e tudo nos leva a crêr que elle pouco posterior seja á origem da medicina.

A questão dos honorarios é uma das que parece vir de mais longe. N'uma especie de codigo deontologico dos Indús, o medico tinha direito a uma remuneração; mas devia proporcional-a ás condições sociaes do doente, e contentar-se em ultima instancia com «um penhor de consideração». A instrução do mestre orientava-o particularmente no sentido de fugir o mais possivel da avidez da ganancia.

No registo dos Reis vê-se citado o seguinte caso: um sacerdote, Eliseu, recusa accéitar alguma coisa

de Naaman, curado por elle da lepra; d'aqui se conclue que elle ou outros sacerdotes recebiam algumas vezes recompensas, por serviços d'este genero; a não ser assim, esta offerta do doente seria bem extraordinaria. E n'este caso, vê-se já apparecer alguma coisa, que hoje é muito commum: a especulação illicita dos creados; assim o servo d'Eliseu, sabedor de tudo isto, corre a casa de Naaman, e por meio d'uma historieta, obtem d'elle uma pequena quantia. «Este velhaco foi castigado com uma lepra que lhe cobriu todo o corpo.»

O uso de pagar os cuidados medicos é aliás tão legitimo, que elle deve ter existido em toda a parte, e atravez de todos os seculos. Isto é muito conhecido pelo que diz respeito á Grecia e Roma, para que seja necessario insistir. Aristoteles tem o cuidado de demonstrar quanto é justo que o medico, depois de ter tratado um doente por amizade, receba d'elle uma recompensa, por o ter curado. Infelizmente, trechos d'alguns auctores, fazendo allusão aos honorarios, consideram-n'os como uma praga eterna e incuravel da cubiça.

A proposito d'honorarios cita-se ainda um preceito d'Hippocrates (não contido no *juramento*), que diz o seguinte: «Se começaes por vos occupar de honorarios, suscitareis no doente a ideia de que não chegando a um accôrdo, vós partireis e o abandonareis, ou que o desprezareis, e nada lhe prescrevereis n'esse momento. Vós não vos occupareis pois de fixar o salario...; mais vale censurar indi-

viduos que se salvaram, que offender individuos que estão em perigo.

Nos tempos actuaes, se costumes differentes e diversidade d'elementos de civilisação, têm, ora excitado, ora enfraquecido, ora inclinado n'um ou n'outro sentido o sentimento publico sobre as qualidades privadas do medico, o fundo permanece o mesmo.

Feito este ligeiro e resumido esboço historico, estudemos o medico no estado actual da civilisação.

O aspirante a medico, chegado ao fim da carreira, e tendo obtido a sua carta, representa já um capital consideravel, que se pôde desdobrar nas seguintes parcelas: 1.º desembolsos que representa a vida material d'um individuo que attingiu ou ultrapassou já, a metade da meia idade; 2.º despesas especiaes que exigem estudos longos e onerosos, como são os medicos; 3.º capital representado pelo valor intrinseco, resultante da sua capacidade intellectual e scientifica, ou melhor, pelo valor proprio do seu trabalho accumulado.

O capital social que representa o novo medico, é pois constituido por dois elementos, um pecuniario e outro intellectual, cuja somma corresponde a uma cifra superior á que representa qualquer individuo no inicio d'outra profissão. Durante o exercicio da sua profissão, o novo medico deve equitati-

vamente ir cobrando os juros, e ao mesmo tempo amortizando o capital que representa. Do contrario ha prejuizo para a sociedade, e mórmente para o medico.

Mas para que elle tenha direito a exigir da sociedade, com justiça, essa amortisação, é necessario que tenha uma linha de conducta irreprehensivel, que seja dotado de qualidades especiaes, que cumpra rigorosamente com determinados deveres.

São pois essas qualidades, e esses deveres, que vão em seguida ser objecto do nosso estudo.

Qualidades physicas do medico

No estudo das qualidades physicas, principiaremos pelo habito externo, que, se bem que não faça parte d'estas qualidades, lhes está intimamente ligado.

Parece natural ao homem procurar impôr-se aos seus contemporaneos por certas manifestações exteriores, pela adopção d'uma apparencia particular que o distinga da turba dos seus semelhantes.

Este sentimento é innato no homem; existiu em todas as épocas, sob fórmãs quasi identicas, levantou as mesmas criticas, e a despeito de tudo, persistiu sempre. Isto nada surprehende, porque a applicação do principio repousa sobre uma base que os seculos não têm abalado: a fatuidade huma-

na. Muitos ramos da actividade social nos fornecem exemplos. A profissão medica, como muitas outras, não lhe resistiu.

Os livros hippocraticos recommendam já aos medicos não procurar singularisar-se por costumes extraordinarios, evitar mesmo os modos muito espantosos. Em muitos pontos o exagero da conducta do medico, marca uma das fórmias, quer do pedantismo, quer do charlatanismo, os dois escolhos que orlam a estrada da profissão medica; os mais honestos, em todos os sentidos, chegam muitas vezes a deixar-se levar até singularisações de conducta e de modos.

Na época d'egualdade que actualmente atravessamos, não se deveriam encontrar no exercicio profissional os modos já attenuados da pratica medica do ultimo seculo, e entretanto estamos bem longe do tempo em que o medico se julgava obrigado a adoptar um feitio especial para o seu fato, uma especie de luto perpetuo, afim de tomar a apparencia d'um homem desprendido do mundo exterior, e não vivendo senão para as coisas do espirito. Actualmente a geração medica ganhou os habitos do seu tempo e do seu meio, vestindo-se cada um *ad libitum*, segundo o seu gosto pessoal. Em todo o caso, nunca o pratico se deve deixar levar por pequenos detalhes de vestuario, que não são mais que requintes da moda; mas sim permanecer no termo médio.

E' claro que o medico, por um excesso de mo-

destia, não se deve deixar levar até ao extremo oposto d'um exagero de simplicidade, pois n'este caso tocaria as raias da affectação.

O medico, tendo obrigação de a todos inspirar confiança, deve reflectir no seu rosto um mixto de dignidade e affabilidade, temperada com um pouco de viveza. E' evidente que nós não temos muitas vezes preponderancia sobre a expressão da nossa physionomia; mas tambem quantas vezes nós não vemos apparecer um coração puro e vibrante encoberto n'uma physionomia rispida e severa.

Muitas vezes acontece que o medico é convidado a emittir a sua opinião sobre um ponto interessante da sciencia, fazendo-lhe assim a honra de o considerar encyclopedico. A uma interrogação formal elle deve responder com todo o seu saber, com toda a sua intelligencia, mas sempre com bastante modestia, pois que no terreno scientifico a prudencia nunca é exagerada. Se a questão versa sobre assumptos inherentes á medicina propriamente dita, elle não se deve abrir francamente, mas guardar as maiores reservas, pois que nunca se lhe perdoaria um erro n'essa materia. E' perigoso tratar diante de pessoas estranhas ao espirito scientifico, alguns dos problemas que os mais competentes não des-trinçam senão a muito custo, e cada um deve lembrar-se sempre que a verdade d'hoje é o erro d'ámanhã, e portanto saber advogar as suas duvidas, nunca mostrando septicismo em coisas medicas, o que o publico não perdoaria a um profissional.

Pelo que respeita ao physico, o medico, e muito principalmente o das aldeias, deve ser forte, de boa construcção, sem achaques, para assim poder resistir aos constantes agentes de lucta, com que é collocado em contacto, em virtude da sua profissão.

Deve ser excessivamente limpo, pois que essa qualidade que poderia ser elevada á cathegoria de virtude social, nunca é exagerada, mesmo que atinja o cumulo.

Sob o ponto de vista biologico, a limpeza é um elemento de que não é necessario recordar a importancia; sob o ponto de vista social, é uma das fórmãs de respeito por si mesmo e pelo proximo, é uma defeza e uma protecção.

Esta limpeza a que me refiro não é relativa áquelles que se apresentam com as unhas negras, collarinhos e punhos de brancura duvidosa e fato semeado de nodoas, pois que d'esses nem sequer me occupo; mas sim para aquelles que apresentando-se aparentemente limpos, unhas cuidadas, punhos e collarinhos alvos, e que lidando habitualmente com a clientela elegante, se creem intimamente satisfeitos com a sua limpeza, quando ao descalçar as luvas, deixam vêr umas mãos esmeradissimas. E no emtanto, quem sabe com o que estiveram em contacto essas mãos d'apparencia, aliás, tão innocente? Quem sabe se este individuo, que suppunhamos, está agora a ver um doente atacado d'uma bronchite banal, vem de visitar um scarlatinoso ou

um diphtherico, sem depois ter feito uma cuidadosa desinfecção?

E' pois sobretudo á limpeza antiseptica que eu me quero referir, pois que ella não só é uma garantia para o medico e para os seus, mas sobretudo para os doentes que, por se encontrarem em qualquer estado morbido são com certeza melhor terreno para a pullulação dos germens. E' orientado n'esta ordem d'ideias que Juhel-Renoy todas as vezes que tem de tratar um cliente de doença infecciosa, se previne com uma blusa de facil desinfecção, que veste todas as vezes que entra no quarto do doente.

«Eu estou convencido, diz elle, que quando este habito se espalhar, não sómente terminarão os dichotes, mas até as familias nos ficarão reconhecidas por estas precauções».

Ainda em materia de qualidades physicas, não podemos deixar no esquecimento a necessidade que tem o medico de possuir bem educados todos os seus sentidos, mas muito especialmente o da audição, que lhe presta relevantissimos serviços, quando applicado ao diagnostico.

Qualidades moraes do medico

O medico deve ter qualidades profissionaes, mas pode adquiril-as se possue outras nativas. Sem du-

vida que se não faz successo em parte nenhuma sem uma certa dose d'intelligencia, e a cultura medica exige-a tanto e mais que qualquer outra carreira. Com o que um individuo qualquer, tendo percorrido os meandros do ensino secundario, possui como archivo intellectual, pode certamente chegar a conquistar a carta de medico.

Mas para ser um medico, digno d'este nome, é preciso mais: E' preciso possuir, ao mesmo tempo, uma grande energia, firmeza, confiança em si mesmo, debaixo da condição de ser justificada, e finalmente, e acima de tudo um bom senso absoluto, um criterio ao abrigo de toda a fragilidade.

Sem bom senso, e sem criterio, nunca o medico poderá fazer obra util. «O verdadeiro medico, diz Morache, deve certamente possuir um temperamento scientifico, mas deve tambem ter, e em alto grau, o sentimento artistico. Um grande numero dos que, n'esta carreira, téem sido illustres, tiveram o mais vivo gosto pelas artes; alguns chegaram até a ser eminentes n'uma arte particular». Sem ir tão longe, é difficil que um homem esteja á altura das concepções medicas, se elle não tem, ao menos, alguma orientação artistica; se a poesia, a musica, a pintura, o deixam indifferente e frio.

Tem-se discutido muito e por varias vezes, se a medicina é uma sciencia ou uma arte. Parece que ella participa d'uma e d'outra.

Assim, um espirito unicamente scientifico poderá levar muito longe as investigações dos factos que

permettem encontrar, suspeitar ou esboçar as leis da biologia, seguir, tão longe quanto actualmente é possível, as evoluções e as transformações organicas, proceder á parte analytica dos problemas; mas aquelle que guia um espirito e o sentido da idealisação, encontrará a concepção das grandes leis geraes, tão bellas na sua simplicidade, e poderá synthetisar, no sentido philosophico do termo.

Claude Bernard e Pasteur foram grandes artistas. O medico deve amar o bello sob todas as suas fórmulas: «o bello é a verdade, o bello é quasi a virtude». (Morache).

Quando um medico modesto se encontra em presença do doente, sem o perceber, o seu espirito analytico permite-lhe facilmente encontrar cada um dos phenomenos anormaes que lhe apresenta este organismo pathologico, mas quando no meio d'este conjuncto confuso e sempre complexo, é preciso ir procurar o grito da função perturbada, referil-a ao elemento anatomico, temporária ou definitivamente modificado, destrinçar a lesão primitiva das que lhe são accessorias, e depois enfim fixar uma linha de conducta, assentar um diagnostico, e decidir-se por este ou aquelle tratamento, é fazer obra d'artista e de grande artista.

O futuro medico deve iniciar-se na vida social, no meio da qual elle terá d'evoluir durante toda a sua carreira, não ficar estranho a nenhuma das questões que ahi se agitam, sem que para isso seja necessario metter-se n'ellas.

Assim como a nossa nutrição reclama, para ser perfeita, alimentos diversos, assim tambem o nosso espirito reclama uma cultura variada; o espirito anemias-se, atrophia-se até, se se mantem sempre no mesmo regimen.

Todos os generos de trabalhos são bons e preparam para os trabalhos d'ordem medica; o essencial é trabalhar com gosto, com interesse, com espirito de firmeza, e consequentemente fazer a gymnastica intellectual, mas intelligente.

Chegamos enfim á qualidade moral que acima de todas deve ser considerada pelo medico — a dedicação. — Todas as carreiras que põem em presença o homem e o seu semelhante, levantam questões de dever em menor ou maior grau, mas sob este ponto de vista, ha poucas que ultrapassem a de medicina, poucas sobretudo, que exijam uma dedicação levada até ao sacrificio da vida. Com effeito, todos sabem que os individuos que exercem a medicina estão, desde o principio da sua aprendizagem, em perigo permanente de morte, em virtude do contacto com os germens das doenças infecciosas.

Além d'isso, não são só elles que estão ameaçados, mas os que com elles vivem, os entes que lhe são mais caros. Com effeito quão longa seria a lista das victimas que pagaram com a vida a honra de pertencerem á profissão medica! E entre nós a morte do eminente professor e já celebre bacteriologista Camara Pestana, que com certeza ainda está

na memoria de todos, é d'isso um exemplo bem frisante.

E justiça deve ser feita ao medico que cumpre o seu dever, expondo a sua vida sem a minima preocupação, sabendo perfeitamente, melhor do que ninguem, o perigo para que caminha.

Qualidades intellectuaes do medico

INSTRUÇÃO — APPLICAÇÃO

E' fóra de duvida que o apparato em todas as suas manifestações, não é uma qualidade que possa ser despresada, mas tambem é absolutamente certo, que muitos individuos fazem, permitta-se-me a expressão, vista grossa sobre os simples defeitos exteriores, se descobrem no individuo de quem elles vão confiar o que téem de mais caro, a saude, um raciocinio claro e firme, um espirito franco e observador, e o que nunca prejudica, uma cultura intellectual que encontrará mil e uma maneiras de se applicar, durante o exercicio da profissão.

Uma das qualidades intellectuaes que o medico mais se deve esforçar por cultivar, é a memoria. Graças a ella, elle poderá frequentemente coordenar factos dispersos, d'elles tirar proveitosas deducções para a conservação da saude, mas sobretudo póde ter a certeza d'impressionar o espirito do seu cliente,

d'uma maneira para si muito proveitosa, fornecendo-lhe frequentemente provas d'esta util qualidade. Assim, o doente que, salvo raras excepções, cultiva o campo do egoismo, ficará sempre satisfeito, ao vêr que o seu medico não esqueceu o mais pequeno incidente na sua saude; elle deixar-se-ha levar pela ideia, para elle tão seductora, de que essa recordação é talvez devida a uma *sympathia* especial por elle, ou a que a sua doença interessa o medico; dentro em pouco, qualquer que seja o raciocinio, consciente ou não a que se entregue, quasi sempre se abandonará com a maxima confiança ao homem a quem tanto *interessaram* os pormenores da sua saude. A este proposito Juhel-Renoy cita o facto de ter visto mestres illustres abandonados por alguns doentes, pelo motivo, aliás pueril, de se não recordarem do seu nome, sendo seus clientes habituaes; e argumentavam estes individuos, dizendo que o medico que tão depressa se esquecia do seu nome, era incapaz de se recordar das suas doenças passadas, e que portanto ignorava por completo o seu *temperamento*.

De resto, não é só debaixo d'este ponto de vista que o papel da memoria é importante; sob o ponto de vista do estudo, que o medico é moralmente obrigado a fazer durante toda a sua vida profissional, os relevantissimos serviços que ella presta são bem conhecidos de todos, para que seja necessario fazer a sua apreciação.

Como segunda qualidade intellectual, não menos

importante, citaremos o criterio, criterio este, não só applicavel ás regras necessarias para assentar um diagnostico, mas sobretudo ao conjuncto das qualidades intellectuaes. Cada um de nós leva para o exercicio da sua profissão, tendencias naturaes do seu espirito; assim, este será frio, ligeiramente affectado de septicismo ou pelo menos de reserva, aquelle será expansivo, facilmente arrebatado pelos enthusiasmos; não é preciso ser-se propheta para predizer a este ultimo muitas decepções, muitos erros de criterio, sobretudo em materia de therapeutica. E para nos convencermos d'isto, basta olharmos em volta de nós, seguir todas as semanas essa grande serie de medicamentos annunciados pomposamente na quarta pagina dos jornaes, e que quasi morrem ao nascer.

Uma outra faculdade intellectual quasi imprescindivel ao medico, é a imaginação; de facto, ninguém contesta o seu poderoso auxilio em materia de diagnostico, debaixo da condição de ser moderada, isto é, sendo as hypotheses por ella elaboradas, provisórias, condicionaes, e não usadas como verdades positivas, sem préviamente soffrerem a contraprova da observação e da experiencia.

A circumspecção, que poderia ser incluída nas qualidades moraes, é considerada pelos deontologistas como applicando-se ás coisas do espirito. O medico, no inicio da sua carreira, póde ser dotado d'uma fé cega, ou d'uma desconfiança exagerada; a primeira entra quasi sempre na bagagem ordina-

ria do joven medico. Este entra na vida prática, por assim dizer com as armas na mão; leu nos livros as descripções classicas das doenças com os seus capitulos de diagnostico e prognostico; viu nos hospitaes typos da maior parte das doenças; eil-o pois, prompto para reconhecer o inimigo logo que elle se apresente.

Elle fixou tambem na memoria os differentes meios de o combater; se um falhar, empregará outro; a lista não é muito pequena; o seu mestre tinha a este respeito determinados habitos, elle os seguirá.

Assim, tudo se lhe apresenta com as melhores apparencias de clareza; portanto a therapeutica é immediata, sem a minima hesitação. No emtanto tudo isto é uma illusão; é-lhe preciso muito tempo, e sobretudo muitos clientes, para elle chegar ao conhecimento, de que actua sobre um terreno pouco conhecido, e mesmo, em parte, novo; de que as doenças que lhe apparecem não são as dos hospitaes, na sua maior parte, pois não se entra para o hospital em virtude d'uma cephalalgia, d'uma dyspepsia simples, d'insomnia, de palpitações, etc.; de que estas affecções téem a sua causa latente em qualquer canto da economia que é preciso descobrir; de que um estado diathesico entretem muitas vezes as mais variadas perturbações de saude; de que as melhores inspirações do pratico devem ser muitas vezes tiradas da evolução natural da doença e que, finalmente, ha em muitas doenças incidentes

salutares, que é necessario favorecer, e nunca combater. E' necessario pois, para que o medico não seja levado por superficialidades, a commetter erros, que podem ser gravissimos, que seja dotado d'uma circumspecção e d'um espirito de reflexão, levados aos ultimos limites.

Tendo fallado do medico dotado d'uma fé cega, resta-nos fallar, por opposição, do medico sceptico. Este não presta ás doenças que é chamado a observar senão uma muito ligeira attenção; não acreditando nas indicações, não se dá ao trabalho de as procurar; segundo o seu modo de vêr, os remedios não produzindo senão modificações superficiaes, de que a doença mofa, os menos activos serão os melhores. Ainda assim, se elle se conservasse n'este papel, por assim dizer, de medico espectante, não seriam grandes os prejuizos; mas desconhecedor de todos os principios, quando se resolve a intervir, fal-o ao acaso, e administra remedios, que quando não sejam prejudiciaes, são pelo menos inuteis. Esta falta de fé, este desalento na pratica, acabam por ser comprehendidos pelo doente, e este a seu turno, torna-se sceptico a respeito do seu medico; consulta outros, e acaba por entregar-se nas mãos d'aquelle, que faz do seu mal um estudo attento, deduzindo d'ahi uma therapeutica racional.

Expostas assim, resumidamente as qualidades intellectuaes, vamos referir-nos a outra qualidade que todo o medico deveria possuir, na medida das suas faculdades—a instrucção. A este respeito diz-

nos Dechambre o seguinte: «E' bom que o medico não seja nunca inferior em educação scientifica, ao individuo que elle deverá submeter ás suas prescripções, e em frente do qual lhe é preciso manter a auctoridade da sciencia. Não é sómente junto do leito do doente, que elle dá a medida do seu valor pessoal: é tambem nas relações diarias, na conversação, na opinião que elle emitta sobre tudo que é submettido á sua critica, no saber, de que elle dá constantes provas. E' mesmo muitas vezes por indicios d'esta natureza, que uma dada familia escolhe o seu medico, por não ter elementos para avaliar a sua habilidade na arte; e é tambem, e sómente pelo titulo d'homem instruido e judicioso a que tem jus, que ella o toma algumas vezes por confidente, e até por conselheiro em negocios íntimos. Elle proprio reforçará as suas faculdades d'observação, se está habituado a esta gymnastica intellectual, a este exercicio de raciocinio que torna o espirito, por assim dizer, flexivel, que o dispõe para tomar conta das suas impressões, das suas ideias, para se orientar em todas as direcções do saber humano, e mesmo sobre o terreno das sciencias phisicas, para destrinçar, na mistura desordenada dos phenomenos, o laço do seu encadeamento, e o valor relativo de cada um d'elles.

A instrucção leva-nos tambem a sabermos aproveitar o que aprendemos, e a fazer aproveitar os outros. O livro que parece não ser senão um simples deposito das acquisições do espirito, é muitas

vezes, em grande parte, o promotor d'ellas. Julga-se não ter que consignar senão um certo numero de factos, tirar determinadas deducções; mas os factos chamam factos; as deducções precisam de ser verificadas; e d'ahi um augmento extraordinario do horisonte».

Estes factos mostram bem á evidencia o quanto é necessaria, e o quanto aproveita a instrucção ao medico, mórmente quando elle está collocado n'um meio mais ou menos culto, e onde fará uma figura pouco honrosa, se, sendo chamado a emitir a sua opinião sobre qualquer assumpto de natureza scientifica, tiver d'elle uma ignorancia absoluta.

Resta-nos, finalmente, fallar d'uma ultima qualidade que a nenhum medico deveria faltar — a applicação ao estudo. Com effeito, do principio ao fim da carreira, impõe-se a todo o medico a necessidade absoluta de passar uma parte do seu tempo profissional á meza d'estudo. Aquelle que, desde os primeiros momentos, não contrahe este habito salutar, não poderá mais tarde contrahil-o, mesmo á custa de grandes esforços; e em consequencia d'isto, elle vêr-se-ha, durante a sua carreira, obrigado a viver de noções adquiridas durante a sua época escolar, noções transformadas, ou reconhecidas falsas, mas que elle se obstinará, na sua ignorancia, em defender quando na sua presença forem atacadas.

Sem duvida que isto não quer dizer que um medico d'aldeia, que entra á noite em casa cansado do trabalho diario, vá sentar-se á banca d'estudo,

e ahí elaborar, á custa de muitas vigílias, uma memoria, que talvez ninguem lerá; bastar-lhe-ha, simplesmente, lêr com cuidado algumas revistas medicas, que lhe fornecem resumidamente as noções necessarias para que elle se conserve em dia com o movimento scientifico de todas as épocas que vae atravessando. Em tempos mais remotos, o profissional que quizesse estar a par do movimento scientifico do seu tempo, teria que fazer despezas enormes, possuir uma bibliotheca extraordinaria, pois que a sciencia ficava toda encerrada nos livros. Hoje porém, graças ao movimento sempre crescente dos jornaes, das revistas, e dos annuarios, onde todos os trabalhos, quer individuaes, quer d'academias e sociedades importantes, são discutidos e apreciados, não ha nenhuma ideia de valor, nenhuma transformação na sciencia que não possa chegar rapidamente e com uma despeza relativamente pequena, até ás aldeias mais humildes e remotas. E não se julgue que este movimento de jornaes scientificos é de data recente, pois já em 1845, Max Simon, no seu primoroso livro sobre deontologia medica, nos diz a este respeito, o seguinte:

«O medico que não reserva uma parte do seu tempo para a meditação, para o trabalho solitario do gabinete, não comprehende, nem as difficuldades da sciencia, nem a gravidade da responsabilidade moral que assume perante a sociedade. Se em todos os tempos, isso foi um dever sagrado para o medico que comprehende a sublimidade da sua missão,

esse dever é ainda mais rigoroso hoje, que tantas intelligencias concorrem para a elaboração da sciencia, e que uma immensa publicidade faz circular as ideias no mundo com a velocidade da corrente electrica».

E' fundamentado n'esta ordem d'ideias, que eu penso que todos os medicos, por mais instruidos que se julguem, devem dedicar alguns momentos á leitura das revistas scientificas, que como acima deixo dito, são por si só sufficientes para os pôr ao corrente das alterações, hoje tão frequentes nas sciencias medicas.

Deveres dos medicos para com os collegas

No tempo em que a profissão medica formava uma corporação cerrada, na qual se não entrava senão depois de difficultosas provas; na época em que se conservava ainda como um dogma, como a base de toda a organização, professar pelos mais velhos um culto absoluto, era surperfluo recommendar aos noviciados o respeito pelos profissionaes já existentes, respeito devido já á sua idade, já á antiguidade dos serviços, já aos seus meritos, por todos reconhecidos.

Com o andar dos tempos, as ideias alguma coisa mudaram, se não no fundo, pelo menos na sua superficialidade. As gerações actuaes não testemunham pelos antigos, aquella especie de formalismo que

outr'ora era moda nas relações sociaes; mas todos aquelles que têm a dita de ser mestres, sabem bem o respeito e affectuoso reconhecimento que os discipulos lhes votam.

Entretanto, parece evidente que o joven medico, conservando-se um cidadão cortez e delicado, não se deve julgar obrigado a grandes deveres para com o medico mais antigo, visto elles pertencerem á mesma classe, e serem filhos das mesmas escólas. Os costumes têm sensivelmente mudado; é assim, pois, que os devemos acceitar.

Não deve ser porém da mesma fórma, quando uma circumstancia medica põe em presença dois profissionaes, até então estranhos um ao outro. A' priori, o mais novo deve testemunhar, com os modos que lhe fôrem suggeridos pelas circumstancias, e compatíveis com a sua educação, uma cortezia e sincera deferencia para com o mais velho, se este com uma franca cordialidade, aliás tão louvavel, não julga dever ir ao encontro do seu joven collega, e estender-lhe a mão, não só material, como moralmente.

Os medicos que exercem clinica n'uma mesma povoação, teem todo o interesse em entreter mutuamente as mais sinceras e cordeaes relações, porque têm affinidades communs, interesses identicos, ainda que algumas vezes estejam uns com os outros em opposição apparente. Aqui, entrámos no terreno mais ingrato possível, o da rivalidade profissional. Nas condições actuaes da vida, tal como a fizeram

os habitos do fim do seculo dezenove; com esta perseguição encarniçada para obter o successo e sobretudo o successo rapido; com o numero sempre crescente dos profissionaes de medicina; era realmente extraordinario que o medico escapasse ao contagio do exemplo, e que só os medicos ignorassem este estado d'espírito que tem sido tão bem caracterizado de «*struggle for life*».

O joven medico que vae habitar um meio, para ahi fazer clinica, não pôde deixar de ter perante os collegas que ahi existem, um comportamento exemplar, ser o mais sincero e leal possivel, e até praticar actos de deferencia que o colloquem em bôa posição perante elles, e lhe façam adquirir sympathias.

Em todos os casos, o recém-vindo nunca deverá patrocinar qualquer questão préexistente, nem acobertar-se debaixo de qualquer bandeira. Varias circumstancias se apresentarão mais tarde que o solicitarão a tomar este ou aquelle partido, mas elle fará sempre os maximos esforços possiveis para fugir a essa tentação, que só lhe pôde acarretar desgostos futuros. Encetada esta linha de conducta, caracterisada pela decencia, cortezia e sincera lealdade, o medico fará por nunca se afastar d'ella; se bem que esta tarefa seja um pouco árdua e difficil, pois que os meios, e principalmente os mais restrictos, são actualmente séde de dissensões e d'hostilidades deploraveis, o homem pertinaz e um pouco intelligente, chegará, mostrando um constante agra-

do, a conquistar o respeito e a sympathia dos que com elle lidam mais de perto.

As relações que os medicos devem entreter mutuamente, comportam relações constantes a proposito dos doentes, que elles muitas vezes se arguem de tirar reciprocamente.

Esta questão tem sido varias vezes abordada, e apesar de muito discutida, não é facil dar-lhe solução, pois que não são só os interesses dos medicos que estão em jogo, mas tambem os dos doentes. Estes devem tambem levantar a voz na questão. A conducta do medico desejoso de conservar a sua reputação, é, entretanto, bem nitida e clara. Em *caso nenhum*, quaesquer que sejam as circumstancias, elle deverá chamar a si a confiança de familias, que notoriamente pertencem á clientella d'um collega; nem directa, nem tão pouco indirectamente, elle deverá deprecial-o na sua reputação. Se assim procedesse, não commetteria sómente um acto indigno d'um homem honesto, mas, e muito principalmente, atacaria a Arte medica, pelo que tenderia a diminuir a consideração que o publico deve ter, não só por ella, mas por aquelle que a exerce.

Se o medico chamado para vêr um doente sabe que elle está sendo tratado por outro collega, *nunca* deve tomar conta d'elle sem prévio assentimento d'este.

Se porém o medico ignora se elle recorreu ou não a outro collega, deve, primeiro que tudo, interrogal-o sobre o seu soffrimento, principio este que o

medico nunca deve deixar d'observar, sob pena de ser considerado como deshumanitario, quando elle deve ser precisamente o contrario. No interrogatorio sobre os commemorativos, encontrará meio de se esclarecer sobre a questão do medico anterior. Se este existe, o medico, depois de ter cumprido por completo com os seus deveres junto do doente, declarar-lhe-ha, ou aos que o cercam, que não póde continuar a dispensar os seus cuidados ao doente sem prévio assentimento do medico assistente, a quem de resto, vae prevenir. E prevenil-o-ha immediatamente, pedindo-lhe que decida. Parece-me que este procedimento é perfeitamente leal, e que o medico assistente nada terá que lançar em rosto ao outro.

E' certo que em casos especiaes poderão surgir difficuldades em proceder segundo estes preceitos, tanto mais que muitas familias julgar-se-hão no seu pleno direito de depositarem a sua confiança n'aquelle que melhor lhe pareça. No entanto, o medico nada se deve preoccupar com isso e cumprirá sempre com os seus deveres de bom collega, que me parece não podem ser criticados.

O que é necessario incutir no animo de todos os medicos, é a necessidade absoluta e urgente de estabelecer entre todos os membros da profissão, outr'ora tão geralmente apreciada e respeitada, um genero de vida que tirasse dos habitos antigos o que elles tinham de bom, apezar das suas fórmhas um pouco archaicas; um genero de vida que esti-

vesse em harmonia com o grau de cultura intellectual do medico, que mostrasse á grande massa do publico que o medico do seculo vinte merece a estima geral e tem direito ao respeito de todos.

Sem duvida, como todo o membro dos grupos sociaes, elle tem o direito de viver do seu trabalho; o capital material que elle lançou na massa social e o capital intellectual que adiantou, não devem ficar improductivos, mas o medico deve tambem convencer-se que as luctas e agruras das discussões que podem surgir entre elle e os seus collegas, não aproveitam a ninguem; e que além d'isso diminuem todos os interesses, fazendo-os decahir na opinião publica, ciosa d'explorar os escandalos profissionaes. Pelo contrario a boa harmonia, a verdadeira confraternidade, predominando mais nos factos do que na phraseologia, da qual ha tendencia para abusar, obrigariam implicitamente á estima dos individuos honestos e restabeleceriam uma situação, que, sejanos permitido dizer, está actualmente bastante comprometida.

Para terminar este capitulo, resta-nos dizer alguma coisa relativamente aos deveres reciprocos dos medicos nas conferencias.

Estabelecida a necessidade d'uma conferencia, quer ella seja provocada pelo medico assistente, quer o seja pela familia do doente, assiste a esta o direito d'escolher os conferentes; no entanto, se ella assim o entender, póde deixar ao arbitrio do medico a escolha.

No caso de ser a familia que os propõe, o assistente accental-os-ha incondicionalmente, a não ser que tenha razões, que então exporá, para os julgar indignos d'exercer a profissão a que se votaram.

A hora da conferencia será proposta pelo mais velho e possivelmente respeitada pelos outros, a não ser que caso de força maior impeça algum de comparecer, o que declarará com antecedencia para entre todos se combinar nova hora.

Chegados os conferentes a casa do doente, dirigem-se juntamente com o assistente para um quarto que lhes está reservado, onde elle faz uma exposição succinta da historia da doença, do seu início, dos incidentes mais notaveis, e finalmente das tentativas therapeuticas. Os conferentes poderão n'esta occasião interpellal-o sobre algumas questões que possam abreviar o exame, ou que lhes permittam fazer uma ideia mais clara do caso. Em seguida os medicos dirigem-se para junto do paciente que, algumas vezes, duvidando da memoria do assistente, recomeça a historia da doença de mistura com as suas interpretações, muitas vezes mesmo, fazendo uma critica, mais ou menos dissimulada, do tratamento seguido. Os conferentes, n'este caso, deverão declarar ao doente que estão sufficientemente orientados sobre o seu estado, pela exposição que d'elle fez o seu collega ; que não necessitam de mais informações. Se o doente faz perguntas, que parece terem por fim contraprovar affirmações do medico assistente, os conferentes fingirão não comprehen-

der, e não hesitarão, se elle persiste, em combater vigorosamente as suas theorias. Feito isto, procede-se ao exame. Os conferentes devem ter o maximo cuidado em não commentar as suas investigações na frente do doente, como que para fazer ao assistente qualquer constatação, pois n'este caso, doente e assistentes, em virtude da sua ignorancia em materia de medicina, apressar-se-hiam a imaginar que qualquer symptoma! sobreviera que tinha escapado á vigilancia do assistente; ainda mais, os conferentes devem, quando estão a fazer o exame, conservar, por assim dizer, muda a physionomia, pois qualquer franzidura de sobrancelhas ou movimento de labios, seria interpretado a seu modo pelo doente. Se elles descobrem, durante o exame, qualquer signal importante que lhes não foi mencionado pelo assistente, devem fazer-lh'o notar, convidando-o d'uma maneira indifferente, e de fórma que o doente não perceba, a apalpar, auscultar, ou percutir, para assim tomar conhecimento d'elle. Terminado o exame, os medicos retiram-se de novo para o quarto que lhes foi destinado, e pedem para ficar sós. N'este momento é preciso redobrar d'atenção, fallando o mais baixo possivel, pois que, por espirito de curiosidade e d'interesse, ouvidos indiscretos se occultam muitas vezes por traz das portas ou dos reposteiros. De resto, os medicos não se devem occupar de conversas relativas aos seus negocios, mas irem directa e francamente ao fim que provocou a sua reunião.

Principia, portanto, pelo medico mais novo, a exposição das opiniões, que devem ser o mais resumidas possível, se os conferentes são muitos.

Se depois de mais ou menos discussão chegam a um accôrdo, e é necessario receitar, é ao medico mais novo que compete escrever, assignando primeiro o assistente, e depois os outros, pela sua ordem d'edades. Se ha divergencia entre a opinião do assistente e a d'algum dos conferentes, aquelle deve esforçar-se por expôr as suas razões, e se elle julga que ha um erro d'insufficiencia d'exame, pedir ao conferente para examinar de novo o doente. Mas estes casos são excepçionaes, e é muito raro que os conferentes, depois d'alguma discussão, não cheguem a um accôrdo geral.

N'estes casos, os medicos entram de novo no quarto do doente, ou se elle está bastante fatigado, na sala onde se encontra a familia. E' ao conferente mais velho que compete pôr a familia ao corrente das deliberações tomadas, esforçando-se o mais possível por conciliar o interesse do paciente com os escrupulos da confraternidade, e nunca deixando transparecer, nem por vislumbre, uma critica ao diagnostico anteriormente feito e ao tratamento seguido. Se ha necessidade de modificar o tratamento, elle justifica-a-ha, dizendo que a doença entrou n'uma nova phase, e que portanto exige uma therapeutica diversa.

Resta-nos finalmente tratar da questão dos honorarios nas conferencias. Segundo o uso, o medico

assistente é que faz o preço aos honorarios dos conferentes; é certo que muitas vezes não é elle que os tem chamado, e portanto não tem contraído para com elles nenhuma obrigação, mas é também evidente que o assistente é, por assim dizer, o intermediario entre os conferentes e o doente, e deve por consequencia salvaguardar tanto quanto possivel os interesses d'elle. N'esta operação elle deve ser o mais equitativo possivel, esforçando-se por não prejudicar nem a um nem a outros.

O beneficio resultante das conferencias é incontestavel; ellas correspondem aos mais honrosos sentimentos, quer do lado das familias dos doentes, quer do lado do medico.

Ellas põem-n'o a coberto, ou pelo menos asseguram a sua posição, em face da doença, e em frente do doente.

Deveres dos medicos para com os doentes

Um dos principios fundamentaes do dever medico é acreditar na medicina, acreditar, sem duvida, d'uma maneira intelligente, mas com toda a sinceridade. Na nossa época ha muitos medicos, e não dos menos brilhantes, que pouco a pouco, depois de um periodo de fé relativa nos recursos da arte medica, sob a influencia de insuccessos, aliás muito numerosos, que teem encontrado no decurso

da sua profissão, e ainda de decepções de therapeutica, terminam por duvidar da medicina. Talvez elles tenham esperado demasiado dos recursos da sua sciencia ; talvez elles tenham tambem soffrido a influencia suggestionante do scepticismo que invade as sociedades em decadencia ; e isto leva-os, algumas vezes, a chegarem a fazer profissão publica de não mais acreditar na medicina.

Estes insuccessos da medicina não são senão uma resultante apparente, uma reacção fatal contra o enthusiasmo que se manifesta na arte medica, como de resto em todas as outras, quando apparece uma theoria nova, uma applicação qualquer da qual se generalisa o emprego com a mais extraordinaria rapidez. Mas estes enthusiasmos, estes exaggeros são uma necessidade do progresso ; estes desalentos parciaes, estes desfallecimentos passageiros, são pois inevitaveis. Se o ceu se obscurece, mesmo n'um dia de verão, se entre elle e o solo se interpõem nuvens pardacentas, estas transformar-se-hão cedo n'uma chuva abundante, e as bellas côres da abobada celeste trarão a consolação e a esperanza ao coração do trabalhador, que repentinamente surprehendido, se tinha já deixado arrebatado pelo desespero. Assim deve ser o medico ; não olhar só ao presente, mas sim confortar-se com a ideia de um futuro mais ou menos brilhante, e que bem compensará esses desgostos que, com o tempo, acabarão por desaparecer da sua memoria.

O medico que realmente não crê nos serviços

que deve prestar a sciencia medica nas mãos d'um verdadeiro artista, aquelle que julga sem effeito util a sua presença junto do leito d'um doente, commette uma má acção se não abandona o exercicio profissional.

Elle seria como o padre que tivesse perdido as crenças na religião, e que no entanto continuasse a prégar as suas doutrinas, tornando-se a sua presença no altar, por consequencia, um escandalo e uma immoralidade.

Se elle quizer conservar a sua honestidade deve afastar-se, sem fazer o menor escandalo, afim de não contristar os que ainda teem fé.

O medico radicalmente sceptico, e que manifesta o seu estado d'alma, é um perigo para o doente; elle não tem o direito de comparecer á sua cabeceira, porque quando o doente se lhe confia, é á sciencia medica que elle pede auxilio.

E' ella que o medico representa junto d'aquelle que desespera da cura, no momento em que invoca alguma intervenção desconhecida, mas poderosa. Negar n'este momento os recursos da arte e da sciencia medicas, seria uma má acção, uma crueldade. E de que charlatanismo indigno não seria culpavel aquelle que consentisse em desempenhar sabiamente um papel, e em simular uma fé que nunca tinha possuido!

E' preciso pois acreditar, quando se quer praticar, mas acreditar intelligentemente, acreditar no verdadeiro, admittir mesmo as hypotheses, quando

ellas são verosimeis, e d'accordo com ideias em via d'evolução.

E' preciso ter-se sempre presente que a verdade d'ámanhã é feita dos erros d'hoje, e que a «sciencia official» fazia queimar ha pouco mais de um seculo, aquelles que affirmavam factos, hoje passados ao dominio das coisas indiscutíveis.

«O scepticismo scientifico não é mais que a expressão d'um immenso orgulho, recusando-se cada um a admittir o que ainda não comprehendeu, e d'uma ignorancia latente que não tem sabido dar a intuição do futuro. O sabio não ousa negar nada, ousa confessar que ainda não sabe!» (Morache).

Um outro scepticismo que o medico deve combater é o do doente e dos que o cercam. Dir-se-ha que não é sceptico o individuo que chama o medico. Sem duvida que o não é no momento presente, porque tem receio de soffrer, receio de morrer talvez; mas ha muito tempo que elle fez profissão de não crêr na medicina, e portanto julga dever, perante elle proprio, e até perante os outros, ostentar altamente o seu *espirito philosophico*. No fundo elle não se recusará a acreditar, pelo menos no momento presente, na medicina, na therapeutica, no medico, em tudo o que se queira, comtanto que isso o allivie, debaixo da condição de que o curem. Mais tarde, elle retomarará a sua incredulidade ruidosa, e professará de novo as ideias mais avançadas, mais «*liberaes*», ao passo que to-

maria qualquer agua milagrosa se se lhe tivesse, quando doente, não receitado, mas aconselhado muito vagamente. Assim são os homens: profundamente indulgentes para as suas fraquezas; e os proprios medicos não fogem á regra, relativamente a outros pontos, e até aos mesmos: assim, o medico que se sente doente recorrerá por vezes, em desespero de causa, ao charlatão vil, que provocava o seu desprezo alguns dias antes.

Aos scepticos da medicina póde o medico ser particularmente util, inculcando-lhes ideias mais sensatas, que elles, muitas vezes, não terão remedio senão acceitar. Sem duvida que elle não fallará a todos da mesma maneira; ser-lhe-ha indispensavel adaptar-se ao character e á cultura do doente, e proceder com uma intelligente diplomacia, mas elle conseguirá o seu fim porque o terreno está preparado. Ainda mesmo que um refractario acabasse por não se render, em apparencia pelo menos, senão ás sollicitações da familia, e ao sincero raciocinio do medico, elle condescenderia, *«para lhe mostrar a sua estima»*, em fazer tudo que elle lhe aconselhasse.

Um perigo opposto se encontra por vezes no doente: uma esperanza exagerada nos recursos da medicina e do homem d'arte que chamou para a sua cabeceira; parece que a sua simples presença o alliviou, e que d'alli por diante a cura pouco se fará demorar.

Estas disposições são boas; a receptividade do

doente para a acção pessoal do medico, só tem vantagens.

Mas aqui ha, entretanto, excesso; e como a doença resistirá provavelmente um certo tempo, e como póde até ser incuravel, a decepção futura será tanto mais cruel quanto mais viva tinha sido a esperança.

Ainda n'este caso, o medico deve intervir, acalmando este grande enthusiasmo do doente, aconselhando alguma moderação na expressão de sentimentos, sem duvida justos em si, mas que são lisongeiros de mais para o modesto medico que o trata; demonstrará que este estado d'espírito é, sem duvida o mais feliz possível, eminentemente favoravel á cura, mas que o trabalho biologico que a ella deve conduzir não póde evolucionar senão com o auxilio do tempo; as regressões anatomicas estando longe de ser tão rapidas como as evoluções. Fallando assim, o medico prestará sempre ao doente um immenso serviço; tel-o-ha suggestionado um pouco, ter-lhe-ha dado alguma coisa de si mesmo, confortal-o-ha, e talvez o conduza á verdadeira estrada que o ha-de levar á cura.

Os medicos não chegam muitas vezes a comprehender a impressão que a sua primeira visita, a sua attitude, a sua personalidade causam no doente. Injustamente ou com razão, o medico é muitas vezes olhado desdenhosamente á primeira visita, e difficil é depois modificar este juízo, tantas vezes mal fundado, concebido á primeira vista.

Certamente que não é facil decidir, à priori e sem conhecer o meio em que se encontra, a attitudo que melhor convém tomar ao medico. Sem duvida que é necessario que uma certa adaptação se produza, e o homem por mais recto e intelligente que fosse nunca se conduziria da mesma maneira. A principio, no entanto, elle deve estar senhor de si, conservar a sua physionomia normal; é esta característica que elle tem de adaptar não a este ou áquelle doente em particular, mas a todos os doentes em geral. «O medico é feito por elles, e não elles pelo medico». (Morache). Se elle tem outros sentimentos, deve modificá-los, ou então não estará á altura do papel que desempenha.

A impressão causada pelo medico, tanto na sua primeira visita como nas seguintes, deve ser agradável. Não quer isto dizer que o medico se deva revestir d'uma especie de affectação ou de malicia, que depressa seriam notadas pelo doente, mas sim que se apresente como um individuo dotado d'uma seriedade que não toque as raias do mau humor, e d'uma dignidade que não possa ser confundida com pedantismo. O socego, a brandura, a abnegação e a attenção devem ser attributos naturaes do medico; a benevolencia e a sympathia para com aquelles que soffrem, tanto no moral como no physico, não se simulam, inspiram-se.

Desde o primeiro contacto entre o medico e o doente, aquelle deve ter sabido impôr por si um certo respeito, e a maxima consideração pelo seu

saber, para que lhe seja desde logo dada uma certa auctoridade, que augmentará com o tempo e com os serviços prestados. Se o medico é d'aquelles que de ha muito são bafejados pela fama, a auctoridade não lhe será contestada, nem por um momento, e elle terá o doente e os que o cercam por completo á sua discrição.

O medico deve evitar o mais possivel manter-se n'uma dignidade tal, que possa tornar-se manifestação d'orgulho. Na vida, o homem dos meios mais elevados deve reconhecer-se pela sua simplicidade absoluta; só por si, a sua pessoa inspira muito respeito, por vezes até veneração, para que seja necessario impôl-o, adoptando uma attitude mais ou menos affectada. Mais que qualquer outro, o medico deve obedecer a este preceito, porque antes de qualquer outra ambição, elle deve ter a de adquirir sympathias.

Com esta mistura de sentimentos diversos que o medico deverá desenvolver no meio para que fôr chamado, e que serão tanto mais poderosos, quanto elle tiver feito a sua primeira obra com mais naturalidade e quasi inconsciencia, elle conquistará uma posição segura, digna d'elle e digna da sciencia de que elle é, n'esta occasião, um humilde representante; elle poderá prestar ao doente os maximos serviços; a obra da cura está já iniciada.

O doente tende, muitas vezes, a contar da maneira mais prolixa a historia da sua doença; elle julga-a do mais alto interesse; julga mesmo que o

medico está satisfeito a escutal-a, e que lhe encontra o mesmo encanto que elle proprio. Este longo e muitas vezes bem banal romance, é necessario escutal-o; talvez que em algum detalhe, em algumas reticencias, o medico encontre o pharol que o guie para a verdade, que o oriente não só no diagnostico do facto morbido actual, mas no estudo, mais importante ainda, do doente e da sua historia pathologica, que permittirão emfim a apreciação do meio individual que constitue a sua personalidade.

Evidentemente que a maior parte da narração não terá, em apparencia, uma significação decisiva, mas o medico poderá já esboçar uma apreciação, architectar um diagnostico, ainda que provisorio.

O interrogatorio feito em seguida, e o exame somatico, serão auxiliares poderosos para a sua verificação. De resto, o doente e os parentes ficarão satisfeitos por terem dito tudo o que queriam, e não desgostosos, como acontece com medicos que desprovidos de paciencia, ou por falta de tempo, cortam o discurso ao doente, não chegando elle por esse motivo a dizer tudo que imaginava, com ou sem fundamento, relacionar-se com a sua doença.

O doente ou os que o cercam teem por vezes ideias pessoaes sobre coisas de medicina, que querem patentear ao medico. Este deve sabel-as ouvir, sem mostrar muito abertamente a pouca im-

portancia que lhes liga: essas coisas podem mesmo ter um certo interesse.

Por traz de todas as crenças populares, por traz de todas as lendas e tradições, ha sempre um fundo de verdade, que se encontra depois de cuidadosas investigações, e que é preciso recolher, ainda que não seja senão como um testemunho das evoluções do espirito humano.

Talvez mesmo que nas superstições do doente se encontre uma alavanca poderosa, com a qual se possa actuar em seu absoluto interesse.

De resto, para que ha-de o medico privar-se d'essas noções? Porque não ha-de servir-se d'esse auxiliar?

Desde o momento que o medico não pratique qualquer acto contrario á sua dignidade, pôde e deve acceptar todos os meios que actuem sobre o moral do doente.

Saber ser paciente, indulgente, e mesmo até misericordioso, tal é a regra que preside ás relações entre doentes e medicos, que estes nunca devem perder de vista e que domina a sua attitude em todos os instantes. Dir-se-ha que sendo estas qualidades pouco communs, exigit-as d'elle, é exigit mais do que qualquer creatura humana pôde dar, e querer fazer d'elle um ser excepcional, pois que elle, como homem, deve ser dotado dos mesmos defeitos que a humanidade inteira.

No entanto, se essas qualidades só podem adquirir-se á custa de muito trabalho, ellas não são

entretanto tão raras como se imagina, pois homens observadores teem conhecido medicos reproduzindo este ideal (se assim lhe querem chamar), mas reproduzindo-o em absoluto, e alguns até amplificando-o. E estes individuos existiram em todas as fileiras da hierarchia professional. Não foram só celebridades, mas pequenos clinicos das cidades, e muitas vezes modestos medicos da aldeia. Portanto, se esses individuos existiram e ainda existem, porque se não hão-de imitar?

Tolerante em tudo, o medico deve sel-o mais ainda junto do doente; elle deve respeitar o mais possivel, quer as suas crenças religiosas, quer a ausencia absoluta de crenças. Este respeito, que devia ser absoluto, pela liberdade moral, é infelizmente muitas vezes atacado; ha na natureza humana seres intolerantes e que não gostam de vêr nos outros aquillo que não queriam para si. Cada um está convencido que aquillo que elle crê é a verdade, a verdade absoluta; d'ahi, o querer que os outros compartilhem á viva força das suas crenças; como aliás, em certos methodos d'educação essencialmente viciosos, impõe-se, em logar de convencer. Junto do doente, o medico não tem que se occupar de doutrinas ou theorias; o cliente não o chamou como philosopho ou moralista, mas sim como medico, para estudar o seu mal, para lhe indicar qual a via de tratamento e de cura.

O physico e o moral teem sem duvida em todos os seres organisados, e mais no homem que

em quaesquer outros, as mais estreitas relações; o medico não deve ignoral-o; e estas relações são um dos elementos sobre os quaes elle se deverá apoiar no momento preciso, mas de maneira nenhuma elle deve criticar as doutrinas que professa o doente, ou procurar abalar a sua fé, se elle a tem. Isto seria um abuso de confiança, porque elle possui, por vezes, um tal ascendente sobre o doente, que o partido tornar-se-hia muito desigual. Além d'isso, e pondo mesmo de parte o erro moral commettido, o medico ficaria, a maior parte das vezes, mal situado, pois se casualmente alguma vez eram escutadas e attendidas as suas doutrinas, na maior parte dos casos elle veria estabelecer-se da parte do doente um certo descontentamento, uma suspeita, por vezes, não mal fundada; a communhão d'espírito que deve existir entre doente e medico não mais se estabeleceria, e se alguma existisse já, destruir-se-hia rapidamente.

O medico deve conservar a sua dignidade; não deve desempenhar um papel de theatro, fazendo crêr em sentimentos que nunca possuiu. Mas sem se deixar ir até ao compromisso, ficando sempre senhor de si, elle deve respeitar o mais possivel as opiniões dos outros, querendo ser livre e respeitado nas suas. Se elle é mesmo um espirito superior, procurará utilizar as opiniões do doente, para augmentar não só a sua coragem, mas tambem a sua força de resistencia.

Elle terá sempre presente que as forças psychi-

cas podem fazer milagres, e não decrescerá perante o seu espírito, olhando como adjuvantes therapeuticos, as praticas que como philosopho alcunharia de superstições. Elle não se deverá recusar a acreditar nas curas obtidas por certos milagres; são factos cuja interpretação nem sequer deve ser discutida, mas que são scientificamente admittidos; se o doente tem tendencias para appellar para estes processos, o medico não tem o direito de o desviar d'elles. Perante a familia, o medico deve proceder exactamente da mesma maneira; ha apenas um caso em que o medico se deve oppôr com todas as suas forças a esta ou áquella pratica; é quando parece evidente que a saude do doente soffreria, ou ainda com mais razão, quando essa pratica lhe pudesse pôr em perigo a propria vida. O medico é primeiro que tudo o defensor da vida humana; este principio, que o deve guiar durante toda a sua vida, encontraria aqui applicação.

Se, apezar das suas observações serenas, sérias e convictas, feitas não sobre o principio da pratica que se tenta seguir, mas sobre a sua applicação no momento presente, a familia ou o doente persistem, o medico tem dois caminhos a seguir: ou fica, illibando a sua responsabilidade das consequencias do acto em questão, ou annuindo a elle, e n'este caso a sua influencia não será no fundo diminuida mas até muitas vezes respeitada; e procederá assim nos casos em que o acto commettido em nada vae contra a sua dignidade ou contra a do doente; ou

se o fôr, se estas ultimas hypotheses se tornarem affirmativas, o medico nunca deverá levar a sua condescendencia até annuir a um acto que julga indigno d'elle; sem a minima hesitação retirar-se-ha immediatamente.

D'esta fórma cada um ficará sempre senhor da sua situação, e isto é essencial em todos os casos pessoaes, pois que uns nenhuma semelhança teem com os outros, e a consciencia de cada um será sempre o unico juiz.

E' muito difficil estabelecer o tempo que deve durar uma visita. Tudo depende das circumstancias; é evidente que todos censurarão os medicos que julgam não dever consagrar-lhe um tempo sufficiente, e apenas o exame terminado, se apressam em fazer as suas prescrições, retirando-se em seguida sem que o doente ou a familia tenham tempo para lhe dizer o que julgavam necessario que elle soubesse. E entretanto a profissão medica tem as suas exigencias; com effeito outros doentes esperam tambem anciosos a chegada do medico, e este precisa de visitar um certo numero d'elles n'um prazo de tempo determinado. N'esta materia ha pois interesses multiplos a conciliar, e o medico, compenetrado dos seus deveres, collocando na balança da sua consciencia todos estes elementos, encontrará mais ou menos facilmente o meio de tudo pôr na melhor harmonia. Ainda assim, a qualidade e posição social do doente e da sua familia são factores que não devem ser desprezados; com effeito a vi-

sita feita a um homem de vasta cultura intellectual não poderia de maneira nenhuma ser semelhante á que é feita a um simples operario; um ponto porém deve ser commum, o da dedicação e interesse manifestado pelo doente.

Assente pelo medico um diagnostico, d'elle dará conhecimento, segundo os casos, ao doente e á familia, só a um d'elles, ou mesmo até a nenhum, pois que ha circumstancias especiaes em que o medico deve guardar o mais absoluto segredo.

Alguns medicos são, em virtude d'uma disposição d'espírito especial, inclinados um pouco para o pessimismo; tendem sempre a mostrar a situação sob um aspecto mais sombrio, pretendendo mesmo alguns que isto é uma manobra de prudencia. Sob este ponto de vista seria admissivel tal procedimento, mas por outro lado elle tira a coragem ao doente, e é no interesse d'elle que nós mais devemos trabalhar.

Vale mais, sem ultrapassar uma legitima prudencia, ser optimista, e incutir-lhe antes um sentimento de coragem, que deixar-lhe uma impressão de desespero.

A fixação da medicação que se aconselha deverá ser levada ao conhecimento dos interessados, familia e doente, pois que muitas vezes, mesmo em meios regularmente cultos, se dão enganos que podem ter consequencias lamentaveis.

O medico não deve pois recear repetir mais uma vez as suas prescrições, para assim serem bem fixadas por todos os que o cercam.

Quanto á composição da receita, é preciso olhal-a como um elemento de primeira importancia, e portanto não a redigir senão depois d'uma reflexão sufficiente, não tolerando nunca que os assistentes lhe façam, n'esse momento, qualquer interpellação.

Elle deve escrever, muito legivelmente e por extenso, as doses das substancias que entram na sua composição, e muito principalmente as das toxicas. N'isto elle deve ter o maximo cuidado, pois que já algumas vezes teem sido produzidos accidentes graves por causa d'um erro de posição de virgula n'uma enunciação decimal, ou por leitura erronea d'uma receita perfeitamente legivel. O modo d'escrever, a principio deploravel, de certos medicos é uma d'estas manifestações de vaidade que tendem a desaparecer, e que não constitue mais que uma imprudencia de mau gosto.

Uma questão das mais delicadas na pratica ordinaria é a do numero de visitas a fazer ao doente. De facto, é preciso evidentemente que estas visitas sejam muito approximadas, para que o medico possa seguir as variações symptomaticas da doença, e tambem para que o doente não se julgue abandonado; em todo o caso não se devem multiplicar d'uma maneira exagerada, além das necessidades reaes, além tambem dos recursos do cliente.

E' certo que é preciso ao clinico muita pratica para se saber manter n'uma proporção justa, dentro dos limites precisos; no momento do perigo,

muitas familias pedirão ao medico para fazer visitas frequentes, parecendo-lhes que ellas nunca o são sufficientemente; mais tarde, no momento de lhe pagarem, ellas podem estranhar, e chegar mesmo a manifestar uma certa surpresa.

Quando ao medico é pedido para ir vêr muitas vezes um doente, e quando estas visitas repetidas lhe são verdadeiramente uteis, quer material quer moralmente, elle pôde legitimamente prestar-se á realisação d'este desejo, sob a expressa condição de não comprometter a sua dignidade. Quando porém ha grande exagero, sem necessidade, ao medico compete fazer notar que é inutil tal frequencia, e que mesmo outros doentes necessitam da sua presença.

Tudo isto é uma questão de tacto, de criterio, e de dignidade profissional.

Por outro lado, nos individuos de condição média ou inferior, que não desejam um numero de visitas superior aos seus recursos, o medico não deverá hesitar, dando-se tal caso, em ir espontaneamente visital-os, fazendo-lhes comprehender discretamente que d'essa vez é como amigo que os visita, e simplesmente para tomar conhecimento d'este ou d'aquelle pormenor que o interessa.

Tal procedimento será sempre lisongeiramente acolhido, e sobretudo digno do homem que exerce a profissão mais humanitaria que o espirito humano pôde conceber.

PROPOSIÇÕES

Anatomia. — Prefiro, quando seja possível, a nomenclatura dos musculos pelas suas inserções.

Physiologia. — A temperatura elevada, um bom regimen alimentar e ainda a educação, são factores importantissimos a considerar na precocidade dos fluxos menstruaes.

Pathologia geral. — Os processos reparadores naturaes são suspensos ou retardados por qualquer processo infeccioso intercurrente.

Materia medica. — No tratamento da syphilis, quando tenha de recorrer a injeccões, prefiro, a todos os preparados mercuriaes, o hermophenyl.

Anatomia pathologica. — A existencia de cellulas gigantes não é característica de lesões tuberculosas.

Pathologia externa. — Nas fistulas congenitas, ou nas que se revestem d'uma camada de tecido epithelial, não se dá a cicatrização, sem prévia extirpação do tracto fistuloso.

Pathologia interna. — Não podemos, pela simples presença de falsas membranas nas amygdalas, diagnosticar uma angina diphtherica.

Medicina operatoria. — Julgo um dever do cirurgião fazer a drenagem em toda a intervenção cirurgica em que não haja a certeza d'uma antiseptia rigorosa.

Hygiene. — O dinheiro em notas é um bello vehiculo de microbios.

Partos. — O excesso d'amplitude da bacia é algumas vezes uma causa de dystocia.

Medicina legal. — A integridade do hymen não é uma prova absoluta de virgindade.

Visto
Lopes Martins,
PRESIDENTE.

Póde imprimir-se
Moraes Caldas,
DIRECTOR.